



DL-01

Ses. Esp. 18/10/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 100 anos de existência do jornal *A Tarde*, proposta pelo nobre deputado Rosemberg Pinto.

Convido, para compor a Mesa, o senhor proponente desta sessão especial, o deputado Rosemberg Pinto (palmas); o Sr. Secretário de Comunicação do Estado, Robinson Almeida, representando o governador Jaques Wagner (palmas); o Sr. Presidente do Conselho Administrativo do Grupo *A Tarde*, Renato Simões (palmas); a Sr^a Vice-Presidente do Conselho Administrativo do jornal *A Tarde*, Vera Simões (palmas); o Sr. Deputado Federal Emiliano José (palmas); o Sr. Presidente da Academia Brasileira de Letras da Bahia, Aramis Ribeiro Costa (palmas); o Sr. Presidente da Federação da Indústrias da Bahia, José de Freitas Mascarenhas (palmas); o Sr. Presidente do Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia, Paulo Coelho (palmas); a senhora representante dos jornalista da Bahia, professora Heloísa Sampaio (palmas); o Sr. Comandante Geral da PM, Coronel Alfredo Castro (palmas); o Sr. Secretário de Segurança Pública do Estado da Bahia, Maurício Barbosa (palmas); o Sr. Secretário Municipal de Comunicação, André Curvelo (palmas) e o Sr. Diretor Financeiro, Eliezer Varjão, representando o presidente da ABI, Walter Pinheiro (palmas).

Vamos assistir à apresentação teatral *O Jornaleiro* com o ator Alan Miranda.
(Procede-se à apresentação teatral.) (Palmas)



4024-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or. Rosenberg Pinto

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado Rosenberg Pinto, proponente desta sessão.

O Sr. ROSEMBERG PINTO:- Sr. Presidente, Marcelo Nilo; meu querido Secretário de Comunicação, Robson Almeida; presidente do Conselho Administrativo do jornal *A Tarde*, Dr. Renato Simões; vice-presidente, Dr.^a Vera; meu querido deputado federal Emiliano José, jornalista que orgulha a todos nós; Sr. Presidente da Academia de Letras da Bahia, Dr. Aramis; Sr. Secretário de Segurança Pública do Estado da Bahia, Maurício Barbosa; Coronel Alfredo Castro, Comandante-Geral da Polícia Militar; Sr. José de Freitas Mascarenhas, presidente da Federação das Indústrias da Bahia; meu querido Paulo Coelho, presidente do Sindicato das Agências de Propaganda; minha querida amiga Helô Sampaio, posso chamá-la assim pela intimidade, representando aqui os jornalistas da Bahia; Sr. André Curvello, meu querido Secretário de Comunicação do município de Salvador; Sr. Eliezer Varjão, diretor Financeiro, que aqui representa o presidente da ABI, Walter Pinheiro; meus senhores, minhas senhoras, 100 anos do *A Tarde*. Os jornais... Primeiro, permita-me, Dr. Renato, o senhor disse, naquele dia 15, que um discurso – e alguém, parece-me já o fez – não pode ser tão curto para não passar despercebido, mas não pode ser tão longo que venha cansar a plateia – mas são 100 anos do jornal *A Tarde*. Então, permita-me até extrapolar um pouquinho do que costumeiramente falo aqui deste tribuna.

(Lê) “Os jornais são veículos de informação, serviço, formação de opinião. Lidam diretamente com as pessoas, com o bem da comunidade, com a democracia.

Empresas produzem roupas, aviões, brinquedos e alimentos. Os jornais produzem notícia, fazem-nos pensar, refletir. Nenhuma Nação se desenvolve de verdade sem ter bons veículos de comunicação.



Os jornais nem sempre dizem o que queremos. Eles traduzem a realidade e, como papel principal, devem estar ao lado da população. Desagravam alguns, são perseguidos, censurados muitas vezes. Às vezes afagados.

Chegar aos 100 anos fazendo jornalismo é para poucos. Quantos veículos sérios devem ter surgido e desaparecido ao longo de dez décadas. Me lembro de alguns aqui na Bahia, como o Diário de Notícias e o Jornal da Bahia que fizeram história, mas que por motivos diversos não conseguiram se manter.

É preciso não só determinação, "amor à camisa", é preciso gestão também para enfrentar crises econômicas, ditaduras militares, perseguições, inflação alta. Nenhuma grande empresa está livre de enfrentar dificuldades. Os jornais enfrentam e ainda tem que fazer um trabalho que agrade ao público, que atraia leitores. Sem eles, não existiriam.

Quando sugerimos a realização desta sessão especial para comemorar o centenário do Jornal A Tarde imaginamos, primeiro, a relação que teria com essa Casa Legislativa, também centenária. Ambos são instrumentos da sociedade para fiscalizar o mundo, em especial, o político. Tudo gira em torno da política. E quem, se não os veículos de comunicação sérios vão estar sempre ao lado da população?

Quem vai apoiar a política séria a fazer as discussões que a sociedade precisa. Quem vai dar voz aos cidadãos para enfrentar desmandos? Quem vai fazer com que a voz do povo seja ouvida?

Agora, amigos e amigas, imaginem o que é fazer isso durante 100 anos.

Pensamos nesta Sessão Especial não só para celebrar 100 anos, mas também para exaltarmos o valor da imprensa, da boa, comunicação, do jornalismo sério.

Não fossem o povo e os veículos de comunicação, em especial, os jornais, não teríamos a democracia que hoje pode ser considerada uma das mais consolidadas do mundo.

O Brasil enfrentou crises, guerras, ditaduras nesses 100 anos.

Proponho aqui rapidamente uma reflexão: quem aqui não se lembra de um fato marcante estampado na primeira página do Jornal A Tarde?

Como não somos centenários, pelo menos a maioria aqui, talvez Paixão Barbosa seja dessa época, vamos para os fatos mais recentes: o Golpe Militar, a instituição do AI-5, a



eleição e, depois, a morte de (lê) *“Tancredo Neves, a eleição de Collor e a queda de Collor; a queda das Torres Gêmeas e o 11 de Setembro, a eleição de Luís Inácio Lula da Silva, a eleição da primeira presidenta, Dilma Roussef... E por aí vai. Certamente, todos aqui têm uma manchete para se lembrar.*

E essa é, principalmente, a importância do jornal impresso, não desmerecendo os demais veículos de comunicação. Mas eles guardam a memória, nos permitem ler, reler, visualizar, marcam nossas vidas com manchetes fortes, muitas vezes tristes, outras vezes incrivelmente alegres.

A Tarde pode se orgulhar de ter dado manchete nas cinco copas do mundo conquistadas pelo Brasil. Duas guerras mundiais aconteceram; duas guerras mundiais acabaram. O Homem pisou na lua pela primeira vez...

Ao longo deste século e do século anterior, desde 1912, ano em que o jornalista Ernesto Simões Filho, cachoeirano dessa Bahia bela e negra, fundou o jornal A TARDE, este veículo teve uma postura séria, na vanguarda da informação.

Alguns dizem tratar-se do nosso mais tradicional meio de comunicação e impõem ao jornal A TARDE uma imagem de veículo clássico, não sabendo que nas páginas do jornal A TARDE foram registrados os principais fatos que formaram a cultura baiana.”

Da perseguição religiosa à liberdade de cultos, da Bossa Nova aos Doces Bárbaros de Gil, Caetano, de Gal Costa, de Bethânia, do tropicalismo de Tom Zé e Companhia, do rock de Raul e do Camisa de Vênus. O jornal no princípio escrevia Camisa com três pontinhos, porque não podia escrever vênus para evitar um certo constrangimento com as famílias daquela época.

(Lê) *“do Cinema Novo de Glauber Rocha ao Axe Music e o arrocha.*

A Bahia é um caldeirão cultural e foi o Jornal A ATARDE um dos principais veículos para fazer com que essa SOPA multicultural pudesse ser servida a população.

O que seria desse jornal, também, sem a presença e participação dos baianos, brasileiros mais ilustres em suas páginas. Dos políticos mais tradicionais e polêmicos, aos artistas mais geniais. Não vamos esquecer o Espaço do povo, a Coluna do Leitor, dos



articulistas, formadores de opinião e que, muitas vezes, discordam da opinião da maioria. Mas, democracia é isso! A verdade não é absoluta.

Toda unanimidade é burra, diria Nelson Rodrigues, Pois, em comunicação, para sobreviver é preciso também ser ousado, saber bater e apanhar. Dizer o que queremos ouvir e também ouvir o que não queremos.

Quantas vezes discordamos da postura dos veículos de comunicação.” Essa coisa de que os jornais devem ser imparciais é utópico. Os jornais têm posição. Os jornais devem ser, sim, éticos.

(Lê) “O único imparcial que conheço é o jornal O Imparcial, do Maranhão, que no conteúdo contradiz a sua marca.

Os Jornais devem fazer uma cobertura e acompanhamento responsável do que se passa na política, nos esportes, na sociedade, na cultura. Como ser imparcial, se tem que formar opinião? A linha editorial deve, sim, oferecer opinião e boas opiniões. E é isso que faz um jornal se tornar centenário.

Certamente, muitos de nós aqui, Emiliano devem ter-se irritado com alguma postura do Jornal A TARDE nesses 100 anos... Inclusive eu, Mascarenhas lembra disso, quando da greve dos trabalhadores do Pólo Petroquímico, em 1990, quando cheguei a rasgar um exemplar numa assembleia no Cine Roma. Mas, meus amigos e amigas, como agradar a todos se cada um de nós, graças ao bom Deus, pensamos de forma diferente. A máquina é a prensa que roda o jornal, mas aquelas palavras ali impressas foram produzidas por pessoas, jornalistas.

Sou também um profissional da área de comunicação. Fui responsável durante muito tempo pela área de comunicação da Petrobras, como todos aqui sabem.

Convivi diretamente com os veículos de comunicação e muitas vezes fiquei profundamente abatido, irritado com a postura de alguns jornais, bati, apanhei e hoje estou aqui vivo, justamente, para elogiar a liberdade e esperar que a imprensa liberdade, competência e responsabilidade com esse bem tão precioso que é a informação.

É melhor viver a contradição da democracia do que a intolerância da ditadura. Porque toda ditadura prioriza a censura aos meios de comunicação.



E o jornal A TARDE é quem mais pode afirmar tal posição, já que inicialmente apoiou o Golpe Militar de 1964 e depois teve a censura em sua redação, mudou de posição e encampou a luta pela democracia e pela liberdade.

Imagine o que é fazer jornal com um censor dentro da sua redação, atento a toda e qualquer expressão que possa 'incomodar o regime'?

E não foi só uma ditadura, um regime de repressão... Ao longo dos últimos 100 anos o Brasil foi se construindo como Nação, e isso não acontece com todo mundo saindo contente de uma assembleia de trabalhadores.

Fui e ainda sou sindicalista e sei quantas vezes brigamos entre nós mesmos para defender a categoria. As opiniões divergem, o mundo tem que continuar, os jornais têm que estar nas ruas todos os dias.

No dia 15 de outubro último o jornal A TARDE colocou nas ruas o seu exemplar número 34.158. Quer dizer, foram mais de 34 mil dias com a redação fervilhando de informações, com os repórteres nas ruas buscando notícias.

(E buscando notícias em períodos em que um telefone público era uma raridade; andava-se era de bicicleta, de bonde e de fusquinha pelas ladeiras de pedra da Salvador antiga; usava-se paletós quentíssimos em uma cidade com clima tropical; a internet nem sequer era um sonho e telefone celular era ficção científica no seriado Agente 86 – muitos aqui devem lembrar do SAPATOFONE.)

Como era difícil fazer jornal sem o aparato tecnológico que temos hoje.

E fazia-se jornal de boa qualidade num período não tão globalizado como hoje, com o mundo parecendo menor. Hoje, são tantos recursos que fazem tudo parecer mais fácil. E é!

Sobreviver 100 anos fazendo jornalismo é também manter-se nos trilhos da tecnologia. Conheço a redação de A TARDE desde os tempos em que era habitada por OLIVETTIS...” – Chico sabe do que estou falando – “(...) REMINGTONS e outras máquinas de escrever que nas décadas de 40 e 50 seriam consideradas como equipamentos modernos, assim como era o telex, naquela época.



Hoje, ocupam museus, são desprezadas pelos mais jovens que TECLAM ao invés de BATER À MÁQUINA, como era há muito tempo.

Mudou a tecnologia, mas não mudou a responsabilidade de acompanhar os fatos do dia a dia. Lembro de uma campanha muito bem conduzida pelo jornal A TARDE, pela ABI e por outras instituições baianas que eu, junto com o meu sindicato na época, participei, ainda na década de 1980: A BAHIA NÃO SE DIVIDE, contra o interesse de alguns grupos de dividir o território do nosso Estado. O jornal A Tarde tomou uma posição firme nessa campanha.

Esse é o papel dos veículos de comunicação que têm compromisso com a sociedade: posicionar-se em sua defesa.

O jornal A TARDE soube enfrentar crises e também pressão econômica. Hoje, a Bahia é um Estado regido pela democracia, mas em outros tempos tentava-se reprimir a opinião dos veículos de uma forma abrupta e imoral.

Cortava-se a publicidade oficial, fazia-se pressão junto ao empresariado para que o jornal não tivesse verbas de publicidade. Está na história desse jornal o episódio em que, na década de 30, o interventor Juracy Magalhães mandou suspender a circulação do jornal. Isso aconteceu por apenas 11 dias, mas foi uma marca significativa de intervenção em um órgão de comunicação. Isso é história e, certamente, o jornal A Tarde tem muitas para contar. Nosso objetivo aqui...” – já vou concluir, meu querido Marcelo Nilo – “(...) é saudar a história de luta, perseverança, ousadia do nosso maior e mais importante jornal. O maior do Norte e Nordeste. Tão importante que em determinado período criaram a expressão 'saiu na Tarde, é verdade', como se para um fato realmente ter repercussão, precisaria estar exposto nas páginas desse grande jornal.

Queremos saudar também os mais de 500 profissionais que constroem diariamente a história desse jornal: jornalistas, publicitários, administradores, serventes, offices boys...

Todos têm um papel importante na continuidade dessa história, mas queria ressaltar aqui o trabalho, muitas vezes árduo, dos profissionais de redação. Diz-se nas redações que não existe um dia como o outro.



A cada 24 horas tudo muda, o mundo muda, as torres caem e novas realidades vem à tona.

Ficar "linkado"- que hoje é a palavra da moda, - diariamente no mundo não é uma missão fácil. Tem que gostar muito e sei que A TARDE tem profissionais dedicados, preocupados em fazer um jornalismo focado na realidade e no bem comum. Meus parabéns a esses profissionais.

Meus parabéns também à Bahia que manteve vivo seu maior jornal e que certamente vai estar presente sempre nas paginas do A TARDE.

Sabemos das dificuldades que enfrentam os veículos de comunicag5o. É um mercado difícil. No é diferente com A TARDE, que conseguiu superar todo tipo de situação ao longo de 100 anos.

O jornal passa agora por uma reestruturação para encarar os próximos 100 anos. SUCESSO! Quando o radio começou a se fortalecer, lá pelo inicio do século passado, diziam: os jornais vão acabar. Quando a televisão surgiu, na década de 50, diziam: os jornais vão acabar.

Quando a internet banda larga se popularizou, lá por meados da década de 1990, se dizia: os jornais vão acabar. Vão inventar mais coisas e dizer: os jornais vão acabar.

Pois, que o Jornal A ATARDE continue sendo sucesso pelos próximos séculos. Parabéns a todos que construíram e que mantêm esse Jornal vivo para o orgulho dos Baianos.”

O jornal não vai acabar. Boa tarde. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4025-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or. Emiliano José

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença do deputados Mário Negromonte Júnior, do PP; da nobre deputada Ivana Bastos, do PSD e do deputado Bira Corôa, do PT.

Concedo a palavra ao nobre deputado federal Emiliano José. (Palmas)

O Sr. EMILIANO JOSÉ:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo; Sr. Secretário de Comunicação do Estado, Robson Almeida, neste ato representando o governador Jaques Wagner; meu querido amigo e companheiro, proponente da sessão, deputado Rosemberg Pinto; Exmº Presidente do Conselho Administrativo do Grupo *A Tarde*, Dr. Renato Simões; Sra. Vice-Presidente do Conselho Administrativo do Jornal *A Tarde*, Vera Simões; Sr. Presidente da Academia de Letras da Bahia, Aramis Ribeiro Costa; Sr. Secretário de Segurança Pública, Maurício Barbosa; Sr. Comandante Geral da Polícia Militar, Cel. Alfredo Castro; Sr. Presidente da Federação das Indústrias da Bahia, veterana fonte de minhas atividades jornalísticas de antanho, José de Freitas Mascarenhas; caro presidente do Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia, Paulo Coelho; querida representante dos jornalistas da Bahia, Profª Heloisa Sampaio, de quem fui aluno, embora eu tenha começado mais tarde o jornalismo, para lembrar que ela é uma jovem jornalista; Sr. Secretário Municipal de Educação, querido amigo, André Curvelo; querido amigo, Eliezer Varjão, diretor financeiro, representando o presidente da ABI, Walter Pinheiro.

É difícil para mim falar a cada um e a cada uma, porque é uma história de vida do jornalismo, sobretudo, além da história política. Vejo tantos amigos de redação, sejam aqueles que militaram e trabalharam no jornal *A Tarde*; sejam de outras redações, caro Paulo Bina, Paixão Barbosa, Oldack Miranda, que foi editor de economia do jornal *A Tarde*, Suely Temporal, jovem e veterana, ao mesmo tempo jornalista; Marjorie Moura, querida amiga e companheira, dirigente sindical; Luiz Guilherme que é um dublê de professor e jornalista;



Agostinho Muniz, de tantas lutas sindicais; o nosso mais novo baiano, Vagnaldo Pinheiro, que é o redator-chefe de *A Tarde*, tive o prazer de conhecer agora e compartilhar algumas lembranças da trajetória jornalística, e Elvio Alcoba, diretor comercial de *A Tarde*; o querido amigo Sílvio Simões, abraçar *A Tarde* toda, faço questão de abraçá-lo por nossa amizade e compartilhamento de sonhos; o querido Ranulfo Bocaiuva, sobre quem conversava agora sobre os destinos do cacau, abraço a cada uma e a cada um de vocês.

(Lê) *“Ao falar hoje, a convite de meu amigo e companheiro de partido, deputado Rosemberg Pinto, sobre esse centenário de A Tarde, pergunto-me se o faço na condição de deputado ou na condição de jornalista. É difícil separar as coisas, escolher um único lugar de fala quando estamos numa dupla condição, como a minha.*

Pudesse escolher, no entanto, escolheria apenas a condição de jornalista. Deputado, estou, por escolha do povo. É uma escolha soberana da nossa gente, não minha. Nunca me esqueço disso, não quero me esquecer.

Jornalista, sou. Não estou.

É minha profissão, cujo início é datado de 1974, logo que saí das prisões da ditadura.”

É desse tempo que me lembrava, de quando começava minha a jornada jornalística, falava com nosso José de Freitas Mascarenhas, que era minha fonte habitual quando a gente discutia economia baiana, quando discutia o Polo Petroquímico, Centro Industrial de Aratu, especialmente o Polo Petroquímico, porque ele é uma espécie de émulo do Polo Petroquímico em nosso Estado, e aproveito para homenageá-lo pelo seu relevante papel na História da Bahia, junto com nosso querido Rômulo Almeida, que é uma espécie de inspirador dessa nova fase de desenvolvimento da Bahia. (Palmas)

(Lê) *“Quase quatro décadas de estrada, de uma estrada que nunca deixei de percorrer. Sei o que são as belezas e os tormentos e a correria e a esperança e a construção da notícia, a complexidade de uma edição, a dificuldade das manchetes, a construção de um lead, a investigação para a conclusão de uma grande reportagem, a responsabilidade social de tudo aquilo que imprimimos ou levamos ao ar.*



E, além de tudo, há muitos anos sou colaborador regular de A Tarde, que me honra com a publicação de meus artigos, que respeita profundamente a liberdade de expressão, que é capaz de abrigar em suas páginas a diversidade do pensamento baiano e brasileiro.

É sobre tudo isso que penso ao abordar esses extraordinários 100 anos de A Tarde. Imaginar que A Tarde tenha vivido quase todo o século XX e adentrado já a primeira década e alguma coisa do século XXI é pensar numa áspera e beta trajetória, uma travessia de um deserto entremeado de oásis, conforme as metáforas de Hannah Arendt, uma travessia em que A Tarde sempre revelou o seu amor pelo destino dos homens e do mundo, ainda seguindo os passos dessa autora.

Um jornal é sempre um testemunho do seu tempo, com seu específico olhar, um olhar sempre mutante, nunca fixo, influenciado por cada tempo, pelo espírito do tempo. Certamente, não foi diferente com A Tarde e seu século, breve século, como o definiria Hobsbawm, um século inesquecível, pelo que teve de bom, pelo que teve de mal, pelo que teve de conquistas, pelo que teve de barbárie.

Esse centenário de A Tarde assistiu e testemunhou em suas páginas a duas guerras mundiais, com seu cruento derramamento de sangue, com sua desumanidade, sua força bruta de disputa de territórios para afirmação do capital, e na últimas, em meados dos anos 40, ao fim da segunda guerra, vê o traçar de uma linha divisória entre uma história anterior e a que vivemos: a bomba atômica nos deixa até hoje sob a ameaça permanente do fim da humanidade.

O homem conseguiu simultaneamente desenvolver forças tecnológicas surpreendentes, animadoras, capazes de com sua força, com sua carga de inteligência acumulada, resolver os problemas básicos da humanidade, e, com tais tecnologias, com tais conhecimentos acumulados, produzir uma ameaça de terror permanente, uma espécie de Espada de Dâmocles sobre nossas cabeças, a nos lembrar que a paz continua a ser uma utopia a ser perseguida de modo persistente, e que isso passa pelo fim do armamento nuclear de qualquer natureza, pelo fim da bomba atômica.



Um jornal como A Tarde, um jornal centenário assim, é testemunha essencial de seu tempo. O jornal A Tarde é, para nós, a mais constante testemunha das mudanças brasileiras e baianas. Transitou pela República Velha, pela Revolução de 30, pela ditadura de 1937-45, pela primavera democrática entre 1945 e 1964, pela ditadura militar, pelo fim dela, e vive até os dias hoje, na plenitude da democracia desde 1985.

Viveu, na Bahia, todas as turbulências dessas épocas, e enfrentou-as, opinando de variada maneira, testemunhando, sempre. O arquivo de A Tarde, hoje digitalizado, será sempre uma manancial inesgotável de pesquisa para que se conheça a história do Brasil e particularmente a história da Bahia. Viu a Bahia passar pelo predomínio agrário, para chegar aos dias de hoje, com uma economia industrial pujante, uma estrutura avançada e moderna de serviços, uma agropecuária capaz de combinar o empreendimento capitalista de larga escala com uma agricultura familiar que se consolida e que garante a sobrevivência de milhões de baianos.

Dias de hoje que ainda cobram de nós uma luta permanente para cada vez mais enfrentar as nossas desigualdades sociais. De tudo isso, insista-se, o jornal A Tarde é parte, é testemunha ativa, protagonista de todas essas mudanças.

Um jornal é sempre um fenômeno da cultura, no sentido mais amplo da palavra. Ele registra as características de seu tempo, as falas do povo, as dificuldades das pessoas, a alegria da população, mesmo que enquanto é produzido não se tenha a devida consciência disso. Quem quiser conhecer a vida da Bahia dos tempos de antanho, as belezas de seu passado, a construção dessa terra capaz de combinar a alegria com a luta às vezes áspera pela sobrevivência, quem quiser saber de outros carnavais, procure A Tarde. Ela é a memória centenária do nosso povo.

Quem quiser saber de Jorge e Caribé e Caymmi e Menininha e Senhora e Caetano e Gil e sambas-de-roda e da festa do Bonfim e da segunda-feira gorda da Ribeira vá lá, vá atrás de A Tarde, que está tudo lá, com o olhar de cada tempo, até os dias de hoje, cujos Jorges e Caribés são outros, além deles mesmos, eternos, e as bênçãos hoje, além das do cardeal D. Murilo Krieger, terão de ser tomadas de Mãe Stella, do Axé Opô Afonjá, ao lado de tantas outras mães de santo de nossa terra e de outras mãos abençoadas de tantas outras



religiões, e é bom lembrar disso em tempos em que os fundamentalismos tentam retornar com olhares medievais.

Está lá, está tudo lá, em A Tarde, aqui, na palma da mão, tudo digitalizado, acervo cultural de nossa gente, patrimônio da Bahia, patrimônio de um século.

Um jornal é sempre um fenômeno coletivo. Se hoje podemos falar cada vez mais da inteligência em rede, da criação coletiva das multidões, expressa nas redes sociais, o jornal, e aqui falamos mais do jornal impresso para ficar adstritos ao nosso assunto, o jornal antecipa essa ideia da criação coletiva, que passa de mão, em mão, por muitos olhos, e que termina no produto diário — hoje tanto recebido em casa, como na tela, nessa sociedade midiática em que estamos inseridos, por ela envolvidos.

O centenário de A Tarde certamente provocara estudos sobre a relevância dessa criação coletiva em suas páginas. Os repórteres, os diagramadores de antanho, não tão antanho os diagramadores de antanho, não tão antanho, o matraquear das máquinas de escrever de antigamente, não tão antigamente, a linha de produção das matérias, sempre com a originalidade de cada um a enriquecer a criação solidária, o copydesk a procurar erros e a ajudar no estilo, os editores a decidir o que ficava em cima, o que ia pra baixo, o editor da primeira página e as tantas dúvidas, as máquinas impressoras, a distribuição, quanta coisa, quanto trabalho para que o jornal chegasse às casas, às bancas, como hoje, embora com as transformações que experimentamos com a digitalização do mundo.

A Tarde é tudo isso, e um jornal que soube conservar o que precisava conservar, e mudar o que precisava mudar diante das mutações do mundo.

Um jornal sempre exigiu um criador, um impulsionador, um intelectual que desenhasse o projeto e que o levasse à frente com muita tenacidade. Sem isso, aquela imprescindível criação coletiva de que falei não se tornaria realidade. A Tarde encontrou esse criador em Ernesto Simões Filho que em 15 de outubro de 1912 fez circular o primeiro número de A Tarde, marco inaugural desse centenário. Simões Filho foi deputado estadual, deputado federal, ministro da Saúde e da Educação, mas jamais descuidou-se do seu jornal. Conta-se ter sido uma vocação precoce, a do jornalismo, em Simões Filho. Aos 14 anos, cria



um pequeno jornal caseiro - O Carrasco - e antes da fundação de A Tarde, com 18 anos, edita O Papão, de nítida inspiração humorística, com formato próximo ao de uma revista.

Com 26 anos, funda A Tarde. Jornalismo requer paixão, envolvimento, gosto, o que sobrava em Simões Filho. Daquela paixão inicial, surgia essa profunda relação entre a Bahia e o jornal A Tarde, que perdura por um século.

Um jornal, todos nós sabemos, quem vive essa extraordinária experiência do jornalismo, o jornal enfrenta turbulências e quando tem posição enfrenta adversários duros e por vezes truculentos. Disso, o deputado. Rosemberg Pinto já tratou também aqui. A Tarde teve de enfrentar autoritarismos, inclusive recentemente como decorrência de um pensamento conservador e autoritário que hegemonizava a Bahia até pouco tempo. Talvez por isso, por enfrentar o autoritarismo recente, e pela qualidade de seu trabalho, foi premiado, em 2003, com o Prêmio Esso Nordeste, com a série "Grampos Ilegais na Bahia", e por esse mesmo trabalho foi o primeiro jornal do Norte/Nordeste a receber prêmio da Inter American Association Press, nos EUA.

Figura entre os jornais mais premiados do País, com 51 grandes prêmios de reportagens, afora os de design gráfico e os empresariais. Em 1995, A Tarde Cultural foi escolhida pela Associação Paulista de Críticos de Artes como o melhor veículo de divulgação cultural do País. A cultura sempre foi uma prioridade de A Tarde, a expressar sempre a diversidade e a riqueza da criação de nossos artistas. Destaque-se o trabalho especial que o jornal faz de valorização e defesa da cultura negra, especialmente da religião afrodescendente.

A Tarde, nesse centenário, certamente exercita-se no convívio com esse admirável mundo novo das tecnologias midiáticas, e saberá navegar para atravessar o segundo século. Certamente o fará com sua consciência cidadã, com sua responsabilidade social, com seu amor pela humanidade, com sua consciência crítica, com a sua defesa da paz, defesa da Bahia, de seu povo e de sua cultura, defesa da liberdade e da democracia, valores inseparáveis de um jornalismo ético e responsável. Como sempre o fez, e continuará fazendo. Parabéns à Assembleia Legislativa por essa homenagem. Viva os 100 anos de A Tarde”.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4026-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or^a Heloísa Sampaio

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, deputado Emiliano José. Não fiquei aqui sabendo se você falou como deputado ou como jornalista. Você não disse, para depois eu registrar aqui.

Queria saudar aqui André Blumberg e desejar sucesso na sua nova tarefa na sua nova tarefa, atual diretor-geral do jornal *A Tarde*; Marjorie Moura, presidente do sindicato a quem Emiliano já fez aqui referência; meu querido Oldack; Paixão Barbosa que está lá fora; Agostinho; Frederico, da Bahia Mineração; minha querida Suely, trabalhamos juntos no antigo Sindiquímica, heim, Suely? Tempo bom!

Queria saudar o Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia, Setras, Setad, Biblioteca Pública da Bahia, Fundação Hemoba, Secretaria de Justiça e os deputados iniciando pela deputada Ivana Bastos. O deputado Reinaldo Braga está aqui e eu fiquei me lembrando que ele estava muito bonito com a estrelinha do PT lá no Hotel Matiz. Viu como o mundo dá voltas? Queria saudar o deputado Reinaldo Braga e parabenizá-lo pelo seu posicionamento. Queria saudar ainda o meu colega deputado Mário Negromonte Júnior, o querido deputado Bira Corôa e a querida deputada Fátima Nunes.

Mas queria passar a palavra a minha querida professora Heloísa Sampaio que representa os jornalistas da Bahia neste momento. (Palmas)

A Sr^a HELOÍSA SAMPAIO:- Prezado deputado Rosemberg Pinto, meu querido amigo; D.Vera Simões e Dr. Renato, em nome dos quais saúdo toda Mesa; querida companheira e amiga Marjorie Moura, presidente do sindicato, representante dos jornalistas da Bahia, eu poderia, sim, representar os jornalistas que passaram pelo jornal *A Tarde*. Fiz questão de vir aqui porque tive o privilégio de vivenciar o jornal *A Tarde*, fiquei lá 33 anos.

No dia em que entrei no *A Tarde*, era o mês de julho, havia um movimento na Praça Castro Alves, e eu, estovada, pendurei-me nos ombros de 2 colegas para ver que



movimento era aquele que estava havendo na rua, era o dia da Volta da Cabocla. Nós baianos sabemos muito bem do cuidado com o dia em que a Cabocla volta.

Quis vir aqui porque pude viver *A Tarde* em todos os seus setores. Diferentemente da maioria dos colegas que passaram pela redação, eu fiz redação e toda parte gráfica.

Não tive filhos fisicamente, mas tive muitos filhos. Vocês não sabem o que é a emoção de sair do preto e branco para as cores. Um dia eu vi na televisão os títulos aumentarem. Eu disse: meu Deus, eu ainda vou conseguir fazer isso no jornal. E, hoje, estamos vendo um jornal atualizado, um jornal moderno. Saímos do chumbo, trabalhamos no Cícero em linhas fixas de tamanho. A primeira vez que eu quis fazer um texto que tivesse uma forma circular tive que ir ao Jorge Calmon para ele autorizar um linotipista para fazer somente esse trabalho gráfico. Mas queríamos inovar, mesmo no chumbo, queríamos fazer diferente.

E eu tive o privilégio de dar diariamente a cara do *A Tarde* por mais de 25 anos, fazer com que ele tivesse uma imagem que ficasse na cabeça dos seus leitores, que fosse o jornal de toda a Bahia. E tenho certeza de que a minha geração contribuiu muito para que *A Tarde* fosse o maior jornal do Norte e Nordeste.

Quando havia dois *A Tarde* no domingo, vocês se lembram? eram dois jornais *A Tarde* coloridos. Cada produto era como se fosse um filho que tínhamos. Mentalizávamos, colocávamos no papel. Aramis estava lá e vivia isso conosco. Aliás, os outros colegas também estavam presentes como Elieser Varjão, o sargentão da redação, que enquadrava todos, pois tinha de haver um sargento. E a gente ia trabalhando. No último mês de julho, completaram 40 anos que eu ingressei no jornal *A Tarde*. É muito tempo. Costumo dizer a meus amigos que entrei como menor aprendiz. Não é, Renatinho?

Quero registrar ser muita emoção este momento. Espero, Dr. Renato e D. Vera, que vocês tenham ainda muita saúde, que os meninos também trabalhem para que o jornal se consolide e continue sendo o jornal de toda Bahia, continue sendo um veículo em que os baianos confiam, que ele consiga ganhar as outras mídias e consiga se consolidar.

Aqui, hoje, vejo os meus colegas. Eu, também, completei 35 anos de regência na UFBA. Tive a honra de formar a maioria dos jornalistas baianos. Enfim, é uma vida. (Palmas)



No entanto, eu só tenho a agradecer a vocês todos: a Rosemberg Pinto e a Chico pela honra em me convidar para este momento especial. Por fim, digo que o jornal é a casa que eu amo muito e quero vê-lo consolidado.

Muito obrigada. (Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Muito obrigado, Heloísa, pelas suas palavras.

(Não foi revisto pela oradora.)

**4027-II****Ses. Esp. 18/10/12****Or. Aramis Ribeiro Costa****Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.**

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero chamar, neste momento, para fazer uso da palavra, o presidente da Academia de Letras da Bahia, Aramis Ribeiro Costa.

O Sr. ARAMIS RIBEIRO COSTA:- Sr. Proponente desta sessão especial, deputado Rosemberg Pinto; Sr. Secretário de Comunicação do Estado, Robson Almeida; Sr. Presidente do Conselho Administrativo do grupo *A Tarde*, Renato Simões; Sr^a Vice-Presidente do Conselho Administrativo, D. Vera Simões; Sr. Secretário de Segurança Pública, Maurício Barbosa; Sr. Comandante Geral da Polícia Militar, Cel. da PM Alfredo Castro; Sr. Deputado Federal, Emiliano José; Sr. Presidente da Federação das Indústrias da Bahia, José de Freitas Mascarenhas; representante dos jornalistas da Bahia, a Sr^a Prf^a Heloísa Sampaio, permita-me fazer o mesmo que Emiliano José, “minha querida” Heloísa Sampaio; Sr. Secretário Municipal da Comunicação, André Curvelo; Sr. Diretor Financeiro, Elieser Varjão; Sr. Financeiro da ABI e representante também do presidente; Sr. Presidente do Sindicato da Agência e Propaganda do Estado da Bahia, Paulo Coelho, só neste momento estou sabendo que vou falar, pois não tinha a menor ideia de que teria este privilégio e esta honra de falar nesta sessão solene em que se comemora os 100 anos de existência do jornal *A Tarde*. Que bom que isso está acontecendo, porque tenho a oportunidade de fazer a homenagem a este patrimônio da Bahia que é este jornal.

Há poucos dias, realizamos uma sessão solene na Academia de Letras da Bahia para comemorar este mesmo centenário. Tivemos, como orador nos representando nessa homenagem, o ex-diretor geral de *A Tarde*, Edivaldo Boaventura. Na ocasião, falamos, amplamente, da relação de Simões Filho com a Academia de Letras da Bahia, já que ele foi um dos fundadores daquela academia e é curiosíssima essa relação.

Quando a academia foi fundada em 1917, Simões Filho tinha 31 anos de idade. É verdade que, àquele tempo, no início do século passado, 31 anos de vida não era uma idade. É verdade que, naquele tempo, no início do século passado, 31 anos de idade, isso não era



tão pouco. Os jovens deixavam de ser jovens muito cedo. Ainda assim, é preciso dizer que ele estava ainda distante daquele líder autonomista dos anos 30, quando fez oposição a Juracy Magalhães. Distante, ainda mais, do ministro da Educação e Saúde, que seria do governo Vargas no início dos anos 50. Mas já era o jornalista combativo, respeitado por toda a Bahia e já tinha, principalmente, fundado o jornal *A Tarde* em 1912.

Curiosíssimo saber que, a partir de 1913, ele havia feito uma ferrenha oposição ao homem que acabou sendo fundador da Academia de Letras da Bahia nas páginas do *A Tarde*, que foi justamente Arlindo Fragoso. A partir de 13, Simões Filho desencadeou uma tremenda campanha contra o secretário de estado de Seabra, que era o governador na época. Seabra era opositor de Ruy Barbosa. Simões Filho passou a ser correligionário de Ruy. Não chegou a atacar frontalmente Seabra, mas atacou o secretário de estado procurando até ridicularizá-lo um pouco, porque este senhor, que tinha um grande prestígio na época, era dado a diversões noturnas, não aprovadas pela sociedade. Apesar disso, quando Arlindo Fragoso compôs a lista dos quarenta nomes que iriam fundar essa instituição, que se tornou de grande prestígio cultural na Bahia, não se esqueceu de Simões Filho, colocou-o entre os fundadores. A convivência a partir daí passou a ser harmoniosa como deve ser numa Academia de Letras de qualquer parte.

Enquanto isso, para mostrar a força, o prestígio do nome e da personalidade do fundador do *A Tarde*, prestígio e personalidade que ele imprimiu ao próprio jornal, que se tornou o espírito da Bahia, a voz da Bahia, o jornal de confiança da Bahia, a ponto de se dizer que o que saiu no *A Tarde* é verdade. Sinto-me, particularmente, muito tocado e comovido de estar numa homenagem desse tipo, dona Vera, e falo também ao Dr. Renato, aos netos de Simões Filho, Ranulfo e Sílvio, porque de certa forma quis o destino que eu, neste momento, representasse três gerações da minha família nesta tribuna.

Cresci ouvindo a história de que meu avô, que foi um pioneiro da educação no interior do Estado da Bahia, morava em Santo Amaro da Purificação, casou-se em 1912, exatamente no ano do *A Tarde*, lia-o em Santo Amaro, religiosamente, desde a sua fundação. Sabe como ele o lia? Ele lia de dois em dois, porque o *A Tarde* era levado ao Recôncavo nos naviozinhos da baiana de dois em dois, de par. Então, ele, para não perder a sequência da



notícia, lia primeiro o jornal da véspera; e depois, o do dia. Sentava-se na sua espreguiçadeira e lia os dois jornais.

Meu tio Adroaldo Ribeiro Costa aprendeu a ler nas letras do *A Tarde*. A minha bisavó, Leolinda Augusta, recortava as letras da manchete do jornal, colava em quadrinhos de papelão e, com essas letras, ela ensinava meu tio a soletrar e a formar as sílabas. Dessa forma, antes dos quatro anos de idade, ele aprendeu a ler.

Esse homem que aprendeu a ler com *A Tarde* foi convidado por Simões Filho, em 1956, ano da reforma do jornal, quando Simões transformou toda a paginação em cima do *slogan* “roupa nova com o velho espírito baiano”, queria fazer uma página infantil. Como ele era a pessoa mais ligada às questões da infância, teatro infantil, rádio etc, Simões o chamou e deu carta branca para fazer a página infantil de *A Tarde*, que começou a circular em junho de 1956 e circulou durante 25 anos.

Depois, ele foi também o diretor, o redator-chefe de *A Tarde Extra*, criada por Jorge Calmon em 1956. Naquele tempo *A Tarde* circulava de segunda a sábado, e havia um hiato de domingo à segunda-feira à tarde, já que saía a partir das 5 horas. Com isso, havia um lapso de notícias, e Jorge Calmon resolveu fazer uma *A Tarde Extra*, que circularia segunda-feira pela manhã. Essa *A Tarde Extra* circulou durante todo o ano de 1956 e ele, meu tio Adroaldo, foi o editor-chefe desse *A Tarde*.

No final de 1956, Jorge Calmon o tirou da editoria-chefe desse *A Tarde Extra* e pediu que ele escrevesse uma crônica diária que, inicialmente, se chamou Conversas de Esquina, e ele se tornou o cronista diário de *A Tarde* durante 25 anos e alguns meses, de dezembro de 1956 até o mês em que morreu, fevereiro de 1984. Foram 25 anos e alguns meses e mais de 7.200 crônicas falando tons baianos por meio de *A Tarde*. Nos últimos anos foi também o editorialista do jornal.

Essa foi a segunda geração da família ligada ao *A Tarde*.

A terceira, me permitam, eu próprio. Eu disse para D. Vera, na sessão da Academia, que eu tinha começado a escrever nas páginas de *A Tarde*, e ela me perguntou por que eu não disse isso antes. Eu respondi “não disse, mas estou dizendo agora.”



Foi exatamente na página infantil de *A Tarde*, com 15 anos de idade, que comecei a escrever contos, novelas, fábulas, e fiz isso durante 12 anos. Foi um período de extrema alegria e extrema realização poder colaborar com o jornal naquele tempo.

Dessa forma, é com muita emoção que, realmente, eu me encontro nesta tribuna para lembrar dessas coisas pessoais. Mas, das coisas pessoais é que partimos para as gerais. Imagino quantas pessoas, quantos baianos começaram a ler em *A Tarde*, quantos baianos começaram a escrever em *A Tarde*, quantos baianos souberam de tanta coisa por meio de *A Tarde*, se identificaram com *A Tarde* e fizeram de *A Tarde* uma coisa sua. É dessa forma que todos nós nos sentimos, *A Tarde* como uma coisa nossa.

Ao comemorarmos os 100 anos deste jornal, é como se comemorássemos 100 anos de alguém da nossa família, de algo que nos pertence, com muito afeto, com muito carinho e muito orgulho a cada um de nós.

A Tarde é um patrimônio imaterial e material da Bahia. Parabéns, *A Tarde* (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)



4028-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or. Maurício Barbosa

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Muito obrigado, Aramis.

Quero convidar, nesse momento, o secretário de Segurança Pública, Dr. Maurício Barbosa, em conjunto com o comandante-geral da Polícia Militar, coronel Pedro Castro, que vão prestar uma homenagem ao jornal *A Tarde*, na pessoa do Dr. Renato.

O Sr. MAURÍCIO BARBOSA:- Boa tarde a todos. Gostaria de cumprimentar todos os deputados em nome do nosso deputado Rosemberg Pinto, proponente desta sessão solene, toda a família Simões, todos os dirigentes do jornal, todos os funcionários e repórteres e todos que contribuíram para que o jornal *A Tarde* fosse considerado o jornal de maior credibilidade não só no Estado da Bahia, mas também em todo o Norte e Nordeste. Cumprimento também todas as autoridades e todos os profissionais de imprensa que, hoje, também brilham este evento.

Apesar de não ter a idade do nosso deputado Emiliano José – tenho 36 anos de idade –, nem a sua oratória e a capacidade de colocar tudo o que, de fato, o jornal *A Tarde* representa para a Bahia, é através do jornal *A Tarde* que eu entendo, hoje, como a Bahia se insere em todo o mercado nacional, não só no mercado de imprensa, mas também em toda a sua parte histórica e política que acompanhei, durante a minha vida, através dos meus pais baianos e das minhas vindas à Bahia. Nasci no Rio de Janeiro, mas me considero baiano naturalizado.

Em nome desta data específica de 100 anos de comemoração, gostaria, em nome da Segurança Pública, juntamente com a Polícia Militar, fazer a entrega de uma placa comemorativa em homenagem a esses 100 anos.

Muito obrigado. Parabéns a todos do jornal *A Tarde*. (Palmas)

(O Sr. Maurício Barbosa e o Coronel Alfredo Castro procedem à entrega da homenagem)

(Não foi revisto pelo orador.)



4029-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or. Coronel Alfredo Castro

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Concedo a palavra ao Coronel Alfredo Castro, comandante da Polícia Militar do Estado da Bahia.

O Sr. CORONEL ALFREDO CASTRO:- Como sou leitor do jornal *A Tarde*, vou me reportar da mesma maneira que a coluna Tempo Presente faz, de maneira rápida e objetiva. É com muita satisfação que a Polícia Militar – órgão irmão do jornal *A Tarde*, o que me deixa a vontade em dizer que é o irmão mais velho da família do servir – que externo a minha alegria em estar, aqui, em nome da Polícia Militar, parabenizando o jornal *A Tarde*.

Gostaria de registrar a presença da Polícia Militar neste momento, primeiramente, saudando o deputado Rosemberg Pinto, ao mesmo tempo em que o parabenizo pela sua iniciativa em propor esta sessão em homenagem ao jornal *A Tarde*. Cumprimento também o nosso secretário Robinson Almeida, representante do nosso governador Jaques Wagner, o dono da festa, o responsável por esta idade do jornal *A Tarde*, o presidente do Conselho Administrativo do Grupo *A Tarde*, Dr. Renato Simões; a Sr^a Vice-presidente do Conselho, Vera Simões; ao Secretário de Segurança Pública, Dr. Maurício Barbosa, que, pela hierarquia eu não deveria estar mais falando em decorrência de que quando o superior fala o subordinado não mais faz uso da palavra, mas agradeço a sua deferência em fazer essa pausa para mim; ao nosso deputado Emiliano José; ao presidente da Academia de Letras da Bahia, Sr. Aramis Ribeiro Costa; ao presidente da Indústria da Bahia, José de Freitas Mascarenhas; a Sr^a Representante e jornalista da Bahia, professora Eloiza Sampaio; ao secretário de Comunicação municipal, André Curvello; ao Sr. Diretor Financeiro, amigo Eliezer Varjão, representando a ABI; ao presidente do Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia, Sr. Paulo Coelho. Quando saudei o deputado Rosemberg Pinto assim estendi a todos os parlamentares aqui presentes e também, quando saudei o Dr. Robson, também saudei a todas as autoridades aqui presentes.



Senhores, fiz questão de vir para relatar um fato: quando iniciamos a sessão tivemos um jornaleiro aqui. Sou soteropolitano, nasci na Rua Visconde de Ouro Preto, nº 12, a 500 metros do jornal *A Tarde*, e essa voz de *A Tarde* pertence a minha infância. Ela fez com que eu revivesse a minha infância de um jornaleiro trazendo as notícias naquele momento. E eu sou muito resistente a isso, ainda leio o jornal de papel. Como diz muitas pessoas, sou “analfaface” uma mistura de analfabeto e em tecnologia eu me atrapalho um pouco, mas eu gosto de ver papel.

Isso fez com que *A Tarde* registrasse este momento em minha vida. Sinto saudade desse grito que hoje a gente não ouve mais. Não quero esquecer dos grandes eventos que foram registrados pelo jornal *A Tarde*. Acho que o grande título que a história marca é *A Tarde*. Não quero esquecer a nossa história, mas ela está marcada neste jornal.

Faço também um registro: antigamente o jornal *A Tarde* tinha tudo para ter este nome, porque saía no turno vespertino. Se tivéssemos uma mudança de nome poderíamos estar vivendo à frente, não mais o jornal *A Tarde*, porque sua credibilidade o torna à frente da vanguarda. Temos uma série de jornais presos aqui, e tem um que chamou atenção, que é um século de inovações. Muito obrigado, *A Tarde*, pelo serviço. A família servir e também a Polícia Militar assim incorpora e agradece a este momento, 100 anos, um século de existência, 12 mil meses fazendo prevalecer o serviço.

Muito obrigado e boa-tarde. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4030-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or. Renato Simões

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Registro as presenças da deputada Maria del Carmen e do deputado Yulo Oiticica.

Neste momento, em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, presto uma homenagem ao jornal *A Tarde* pelos seus 100 anos oferecendo esta singela lembrança ao Dr. Renato Simões... (Palmas) para que possa fazer desta relação entre a Assembleia Legislativa da Bahia e este jornal singular, que é *A Tarde*, uma relação que diz respeito à construção de uma sociedade moderna e livre.

Com a palavra o Dr. Renato Simões, presidente do Conselho de Administração do *Grupo A Tarde*.

O Sr. RENATO SIMÕES:- Tinha preparado um discurso, mas, à vista do que foi dito, gostaria de fazer alguns esclarecimentos.

Primeiro, quero saudar os oradores e agradecer as palavras de Rosemberg Pinto e do presidente da Academia de Letras da Bahia.

A Tarde é uma instituição que abracei com o falecimento de meu pai, que a edificou. E a lembrança mais antiga que tenho dele foi enfrentando a polícia política de Getúlio, em 1930, quando foi obrigado a se exilar e fomos para a Europa. Passei 1 ano lá. Eu tinha 5 anos de idade e a grande vantagem que tive foi aprender o francês fluentemente.

Voltamos, e logo depois meu pai participou da Revolução Constitucionalista de São Paulo, que exigia que o novo governo provisório de Getúlio Vargas – isso eu sei pela história, porque só tinha 7 anos – formulasse uma nova Constituição. Não foi formulada e os paulistas perderam, quando fomos obrigados a nos exilar novamente na França.

Voltamos ao Brasil. E aí eu me lembro muito bem, pois já tinha 7 anos, do meu pai subindo nos braços do povo – meus tios Cícero e Antônio ajudando-o – a Ladeira da Montanha em direção à sede de *A Tarde*.



A Tarde continuou vigorosa, a despeito de pouco tempo depois ter havido um desentendimento, pois papai pensava na época que seria um demérito jovem tenente Juracy Magalhães ser o interventor do Estado. Pois bem, sofreu um atentado no Largo da Vitória, e minha irmã mais velha, que infelizmente faleceu há poucos meses, escondeu meu rosto para não ver meu pai machucado. Isso aconteceu em 1937.

Em 1957, eu já era homem feito, meu pai faleceu em um hospital do Rio de Janeiro. E eu me vi com um problema enorme nos braços: era um advogado iniciando a carreira, que nada entendia de jornal. Vim para cá e assumi, como superintendente, a função de tocar esse jornal para frente.

Na época, o jornal sofreu um embate muito grande, porque estavam aparecendo jornais modernos, com equipamentos *offset* e com paginação alegre, moderna, chamativa. Estou elaborando o enredo. Realmente estou desobedecendo, fazendo um discurso um pouco longo. Paulo Cabral dizia que os bons discursos são curtos, para não dizerem nada, mas estou dizendo tudo.

Assumi, e no momento que assumi tive a dificuldade de enfrentar a modernidade. Saímos, eu acompanhado de minha mulher, até Chicago, para a fábrica Goss e trouxe uma máquina moderna. Saímos do campus da Praça Castro Alves para o atual terreno onde construí um edifício. As pessoas diziam, pelas minhas costas: é um maluco, vai deixar a família toda com fome. Onde está o *A Tarde*, hoje, na época, em 1972, só havia o charco e o rio. Posteriormente apareceram a Estação Rodoviária e o Iguatemi.

Fomos evoluindo, aumentamos o edifício e compramos um outro equipamento rotativo. Nesse meio tempo, fui nomeado diretor da Sociedade Interamericana de Imprensa para a Comissão de Liberdade de Expressão. Sempre batalhei pela total liberdade de expressão, em qualquer língua. O português não era a língua oficial. Batalhei e disse: aqui tem que se falar português. Então, a Sociedade Interamericana de Imprensa, hoje em dia, faz a tradução em três línguas, português, espanhol e inglês. Posteriormente, Maurício Sirotsky, presidente da Associação Nacional de Jornais, reformulou a entidade e criou diversos comitês. Um dos comitês, segundo ele, que infelizmente já morreu e não pode atestar isso,



era o Comitê de Liberdade de Expressão, e me disse: quem vai dirigir isso vai ser você. E eu fui vice-presidente do Comitê de Liberdade de Expressão.

Eles disseram: precisamos tomar muito cuidado, porque tem a legislação que tem uma vigilância enorme sobre o que é escrito. Tanto que exige que todos que escrevam no jornal tenham diploma de jornalista. Eu disse: não vou aceitar isso, vou batalhar para haver total liberdade de expressão. Ele disse: Renato, você não vai conseguir, porque a Câmara de Deputados não vai aceitar. Teremos que dar alguma vantagem. Eu disse: não se dá vantagem nenhuma, se vocês não quiserem me coloquem para fora desse comitê. A vitória foi minha quando o Supremo Tribunal Federal reconheceu, pela Constituição Cidadã, como assim chamou Ulisses Guimarães, em 1988, que não havia censura no País.

Essa é mais ou menos a minha vida à frente do jornal. Posteriormente tive um problema de saúde em São Paulo, que ainda estou com ele, e relaxei um pouco, mas agora estamos com uma gestão nova. Agora, vou dizer a vocês é o seguinte: *A Tarde*, no meu tempo, era referência. Era referência assim como ninguém entrava num bar e dizia “me dê uma cerveja”, mas “me dê uma *Brahma*”; como ninguém perguntava onde é que fica o posto de gasolina mais próximo. “É muito fácil: é só seguir e vai andando, vai como quem vai” – uma expressão bem baiana – “quando você encontrar as Lojas Pernambucanas, é logo em seguida” – Lojas Pernambucanas, *A Tarde* e *Brahma* eram pontos de referência. Alguém interpelou: como é que o jornal chama-se *A Tarde* e vocês saem de manhã? Eu disse: porque *A Tarde* é um órgão da imprensa baiana que não tem limite de tempo nem espaço, trabalha o dia todo. *A Tarde* é um órgão de defesa do interesse baiano, de manhã, de tarde ou de noite.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4031-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or. Robson Almeida

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. Presidente (Rosemberg Pinto):- Neste momento, queria chamar, em nome do governador Jaques Wagner, o secretário de Comunicação, meu querido Robson Santos Almeida, que torce pelo Vitória, o que é uma coisa muito boa.

O Sr. ROBSON ALMEIDA:- Boa-tarde a todos e a todas. Queria cumprimentar o deputado Rosemberg Pinto e parabenizá-lo por esta iniciativa de convocar a sessão especial, porque sendo a Assembleia Legislativa a Casa do povo baiano, que representa aqui a pluralidade de todos os segmentos sociais como também a nossa diversidade territorial, certamente este acontecimento de 100 anos de *A Tarde* não poderia deixar de ter uma homenagem prestada por esta ilustre Assembleia Legislativa.

Quero cumprimentar também o nosso querido deputado, amigo Emiliano José, e dizer que a sua retórica aqui, como trata as palavra com o brilhantismo do jornalismo dele, soa em nossos ouvidos como uma bela melodia que faz com que fiquemos envolvidos pelas palavras articuladas, retratando este século de existência do jornal *A Tarde*. Fiquei muito contente em ter ouvido seu depoimento aqui, uma homenagem belíssima à história do jornal *A Tarde*.

Cumprimentar também a Dr^a Vera Simões e o Dr. Renato Simões, presidente do Conselho e vice, respectivamente, do jornal *A Tarde*. Revelo que, ao ouvir suas palavras, tentava articular a descendência do fundador do jornal, que, tanta eloquência ao defender seu veículo, defender a história vivida, fez-me lembrar a palestra que acompanhei e aqui já retratada pelo presidente da Academia de Letras, professor Edivaldo Boaventura, que fez um retrato biográfico do fundador do veículo, Dr. Ernesto Simões, e, desde então, ao ouvir aquele depoimento com profundidade, a visão que fixou em mim de Ernesto Simões Filho foi a visão de um revolucionário, de um homem que desafiou o seu tempo, de um homem de vanguarda. E aqui, ao ouvir suas palavras, um pouco de Ernesto Simões também estava presente no seu depoimento. Quero cumprimentar também o meu colega, secretário de



Segurança Maurício Barbosa, o comandante-geral da PM e todos os oficiais presentes; cumprimento o Dr. Aramis Ribeiro Costa, suas palavras, sua literatura retratada nesta tribuna nos fez viajar pelo mundo cultural através de *A Tarde*, mostrando como ela está em nossas vidas, fazendo parte do nosso aprendizado, da nossa convivência com o mundo das letras, com o ensino.

Cumprimento também o presidente da Federação das Indústrias da Bahia, Dr. José de Freitas Mascarenhas, e a minha amiga Heloísa Sampaio. Não conheço uma pessoa na Bahia que não seja amiga dela. O seu testemunho aqui, por outro lado, representa todos os “operários” de *A Tarde*, desde o mais simples linotipista – essa função retrata um pouco da trajetória e evolução de uma instituição centenária – até os diagramadores modernos, os jornalistas e todos que, certamente, sem eles *A Tarde* não completaria essa idade belíssima, 100 anos.

Cumprimento ainda o meu amigo André Curvello, secretário municipal de Comunicação; Eliezer Varjão, representando aqui a nossa querida ABI; e o presidente do Sindicato das Agências de Propaganda do Estado da Bahia, Paulo Coelho.

De forma breve, devo dizer que para nós do governo do Estado, para o governador Jaques Wagner, é uma alegria muito grande estar presente às comemorações deste centenário. Primeiro, porque como democratas convictos entendemos que a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa são pilares essenciais da democracia. Então a existência desse modelo político no qual as pessoas podem escolher os seus representantes e expressar as suas opiniões, tem uma profunda relação com o funcionamento da imprensa livre.

Deixo aqui o nosso compromisso reiterado, reassumido de que a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão são valores dos quais não abriremos mão na condução do projeto político que ora o governador Jaques Wagner lidera na nossa Bahia.

E ressalto a importância do centenário de uma instituição. Sempre que sou instado a pensar o que representa para a história do Brasil os 100 anos de *A Tarde*, me vem a inspiração de que este País se tem como Nação com a chegada aqui da comitiva real 200 anos atrás. Até então éramos uma colônia, só a partir da consolidação das primeiras estruturas estatais, o Estado brasileiro surge, mesmo que vindo de caravelas que atravessaram



o Atlântico. A partir daí que vamos tendo um formato do que é hoje a nossa Nação.

Então o Brasil tem, nessa sua fase, 205 anos de existência. E uma instituição, uma empresa atingir a marca de 100 anos é um fato que por si só diz o que representa, do ponto de vista histórico, o sucesso dessa companhia. E sendo uma empresa de comunicação, acho que é mais relevante ainda esse acontecimento, porque o século passado, como foi dito aqui por outros oradores, foi marcado por grandes turbulências, por guerras mundiais.

A nossa recente democracia, nesse período não imperial, mas republicano, fundado no final do século retrasado, 1889, não teve continuidade. Na verdade, teve vários períodos de interrupção, vários períodos de ditadura. Sobreviver tendo como objeto retratar o cotidiano, muitas vezes em conflito com os donos do poder, é uma virtude inigualável o feito de *A Tarde*, qual seja, o de sobreviver às ditaduras do século passado ao enfrentá-las e ao confrontá-las várias vezes e manter quase ininterruptas edições nesses cem anos de existência. A exceção disso foi, aqui, também, retratada durante 11 dias de interdição, fruto dessa imposição do poder político da época de Juracy, interventor aqui da Bahia.

Este fato é muito espetacular, qual seja, o centenário de *A Tarde* para a democracia brasileira e para a história do Brasil. Eu conheço poucas instituições centenárias. O Brasil deve ter retratado, agora, a existência na comemoração de seus 200 anos de algumas instituições de significância nacional.

Mas quanto à significância regional e à importância regional, estamos inaugurando, agora, uma série de comemorações centenárias. Então esta data é muito importante para a democracia brasileira, para a economia brasileira e para a comunicação brasileira.

A história do jornal *A Tarde* vai se atualizando ao longo de décadas que o mundo todo foi se transformando, não só no campo da política, da economia, mas, fundamentalmente, no campo da informação.

Quando *A Tarde* surgiu, não existia outro veículo de comunicação de massa no País – se é que a gente pode referir-se àquele tempo como veículo de comunicação de massa. O rádio surgiu no Brasil, praticamente, uma década depois do surgimento do jornal *A Tarde*. E, durante o século XX, nós convivemos com uma revolução tecnológica.



Se durante muitos anos, rádio era rádio, jornal era jornal, televisão era televisão, hoje em dia, parece-me, que tudo conflui para ser uma coisa só. Hoje, um aparelho de telefone não é só um aparelho de telefone, mas é chamado de equipamento multimídia, onde se tem informações em diversas plataformas.

Mas o fundamento de todo o funcionamento tecnológico é a notícia. Não importa se a notícia esteja impressa no jornal ou na tela de um computador ou seja transmitida através da forma audiovisual por uma televisão ou por ondas sonoras por rádio difusão. A notícia será, sempre, a notícia.

Enquanto houver a sociedade humana, haveremos de retratar o seu cotidiano, os seus conhecimentos, as suas formulações diárias e as suas opiniões. Isso se transformará, certamente, em matéria prima que os veículos de comunicação usarão. E *A Tarde*, como uma empresa centenária e ao mesmo tempo contemporânea, moderniza-se e não sendo apenas um jornal ou sendo um grupo de comunicação que abraça este novo mundo tecnológico que se faz presente e moderna também nesta plataforma multimídia.

Eu também gosto, comandante, de ler o jornal impresso. No entanto, hoje, eu sou, muitas vezes, obrigado a ler o jornal *A Tarde* em meu celular ou em meu *iphone* para dar celeridade e rapidez à notícia. Contudo, estou lendo *A Tarde*, não o jornal físico, mas *A Tarde*, o veículo de comunicação que me traz as notícias importantes do dia.

E, para finalizar, também, registro este centenário de *A Tarde* como o quarto evento que participo. Participei da exposição de abertura no *Shopping Salvador*, onde todos nós tivemos a oportunidade de fazer uma viagem no tempo das edições e a junção entre a tradição, a modernidade e a tecnologia impressa. Participei, depois, de uma sessão comemorativa na Academia Baiana de Letras, fato já relatado por anteriormente. Esta semana fui àquilo que os baianos gostam de chamar de “o beija mão de *A Tarde*” no dia de seu aniversário, onde houve uma missa e, também, um evento cultural. E, hoje, participo deste sessão especial.

Então, acho que a Bahia está reconhecendo, nessas diversas múltiplas homenagens, a importância deste veículo para a nossa história. E digo que o faz da maneira baiana ao



reconhecer a história e ao fazer a história também, enriquecendo a todos que participaram e participam desses eventos.

Por isso mesmo, encerro, aqui, este meu pronunciamento em nome do governador Jaques Wagner ao desejar vida longa ao jornal *A Tarde* e que este veículo de comunicação tenha mais cem anos de existência com boas informações e bons serviços para prestar à nossa sociedade.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4032-II

Ses. Esp. 18/10/12

Or. Mário Negromonte Júnior

Homenagem aos 100 anos do jornal A Tarde.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, meu querido Robson, e aqui pelo rito da Casa para não passarmos recibo de que o Executivo é quem manda no Legislativo, não é querido Reinaldo, e na realidade não pode ser assim, tenho por ordem de ofício abrir para o Plenário, mas por acordo em função do avantajado do horário, vou chamar aqui em nome dos deputados, o nosso querido Mário Negromonte Júnior e depois iremos para o encerramento da nossa sessão. (Palmas)

Queria antes disso, registrar a presença do nosso deputado estadual Álvaro Gomes que representa nesta Casa o Partido Comunista do Brasil.

O Sr. MÁRIO NEGROMONTE JÚNIOR:- Boa tarde, nobre proponente desta sessão especial, deputado Rosemberg Pinto.

Quero aqui nesta oportunidade agradecer o espaço que nos foi oferecido, em nome de todos os deputados, Yulo Oiticica, Fátima Nunes, querida colega lá do sertão, Álvaro Gomes, aos deputados que estiveram aqui, deputada Ivana, deputado Renato, deputada Maria Del Carmen.

Dizer ao Dr. Renato Simões, a Vera, a toda a família, Renato Simões Filho que tenho uma aproximação através de Renato Filho, conheço a família através dos seus netos, filhos de Renato Simões Filho, mas conheço também, sobretudo, respeito e todos nós, deputados aqui respeitamos muito a história do jornal *A Tarde*, que nessa semana completou o seu centenário.

A gente espera que outros jornais venham a bater essa marca histórica pelo qual o jornal *A Tarde* está hoje sendo homenageado por nós, deputados estaduais e quero parabenizá-lo pela história do seu pai Ernesto, pela história que o senhor pôde dar segmento, a história que a família Simões está dando segmento, uma história de luta que muitos outros jornais pelo Brasil, comunicadores, jornalistas passaram desde a época da ditadura e essa é a certeza e a afirmação de que a imprensa deve sempre continuar livre.



Eu como acompanhei, nos meus 32 anos, aos 21 anos quando comecei a ler o jornal *A Tarde*, meu pai já deputado estadual, passou por esta Casa, incentivava bastante para não dizer que me obrigava em certas ocasiões, para que eu pudesse ter o meu lazer, primeiro teria que sair de casa sabendo, pelo menos ler a página esportiva e ver o Bahia marcando vitórias através do jornal *A Tarde*. Com isso, tenho certeza de que muitos outros jovens como eu teve a oportunidade de começar uma vida literária ou de leitura diária através do jornal *A Tarde*.

Foi o meu caso, eu dou graças a Deus por meus pais terem incentivado a leitura do jornal e tenho certeza de que como jovem que aprecia a imprensa livre e como homem público que estou antenado sempre aos acontecimentos nacionais e internacionais que vocês retratam muito bem através do jornal, além de priorizar muito as informações do nosso Estado e levantar essa nossa nova bandeira baiana e levar com muito vigor, rapidez e com muita competência por este estado maravilhoso, pelo Nordeste todo e pelo Brasil.

Quero dizer a vocês que, também tenho um compromisso de uma pessoas que reconhece essa luta de vocês de estarem sempre defendendo a imprensa livre. Jamais estarei, enquanto deputado, enquanto homem público de mandato, estarei sempre contra aqueles que levantarem a criação de conselhos que venham fiscalizar a imprensa livre.

São essas palavras, parabéns a família Simões, parabéns ao jornal *A Tarde*, parabéns aos senhores. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 18/10/12

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero registrar a presença de Jonicael Cedraz, professor da Facom e dizer que esse nosso jornal *A Tarde* ele se confunde com a nossa Bahia, para isso quero chamar aqui os músicos, para que pudéssemos ouvir o Hino ao 2 de Julho para que possamos fazer essa relação do nosso Estado e o jornal *A Tarde*.

(Execução do Hino) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Meus senhores, minhas senhoras, queria neste momento agradecer a presença de todos vocês, agradecer a toda nossa equipe que organizou este momento, saudar a todos os presentes, fazer uma referência especial aos dois jornalistas do meu gabinete – Chico Araújo, que foi o pensador também desta nossa audiência, Jamile, jornalista do nosso mandato, jornalistas que cobrem aqui a Assembleia todos os dias e a todos vocês e desejar que realmente o próximo século do jornal *A Tarde* seja de um grande sucesso para todos nós.

Neste momento declaro encerrada a sessão especial. (Palmas)